

## **A GRANDE SAGA: A VIAGEM CABRALINA, AS PRIMEIRAS EXPEDIÇÕES E OS PRIMEIROS COLONIZADORES**

Yvone Dias Avellino\*

Bueno, Eduardo. Coleção *Terra Brasilis*. *A viagem do descobrimento – A verdadeira história da expedição de Cabral*. Rio de Janeiro, Objetiva, I vol., 1998. *Náufragos Traficantes e Degredados – As primeiras expedições ao Brasil*. Rio de Janeiro, Objetiva, II vol., 1998. *Capitães do Brasil – A saga dos primeiros colonizadores*. Rio de Janeiro, Objetiva, III vol., 1999.

Estes últimos anos, de modo geral, revelam-nos que as pesquisas históricas, no que diz respeito à história social e cultural, vêm ampliando, aprimorando, descobrindo e rompendo fronteiras, de forma sadia, contribuindo para o melhor aproveitamento do conhecimento relacional humano. Os “descobrimientos” são fantásticos, reveladores e profundos. Temas os mais variados aparecem, esgotam-se, encantam ou desencantam. Há uma profusão e uma pluralidade de produções diversas no campo editorial brasileiro.

A quantidade de publicações, de níveis e formas de apresentação as mais matizadas possíveis, sobre a comemoração dos 500 anos do Descobrimento, ou posse do Brasil, pelos portugueses, é realmente impressionante. Parece até que os escritores e editores se deixaram encantar pela temática, pela festa de comemoração, ao revisitarem o processo histórico para entrarem na concorrência do mercado editorial.

Vamos nos deter na Coleção *Terra Brasilis*, editada em 1998, pela Editora Objetiva, de autoria do jornalista Eduardo Bueno, com a consultoria técnica do professor titular de História Moderna, na Universidade Federal Fluminense, Dr. Ronaldo Vainfas. A Coleção é apresentada em três volumes; o primeiro volume *A viagem do descobrimento – a verdadeira história da expedição de Cabral*, em 137 páginas emolduradas por uma

---

\* Professora do Departamento de História da PUC-SP

belíssima e preciosa capa que estampa imagens e personagens da chegada, a esta “terra onde tudo que se planta dá”, como escreveu Caminha, e o majestoso porte de uma das naus cabralinas, talvez a Capitânea, que superaram as não menos importantes caravelas. Deveria o autor ter feito a indicação da fonte de onde extraiu essa belíssima imagem. Não o fez, mas não nos foi difícil a localização da dita fonte impressa (Dias, 1921, p. 77), e também a descoberta nos proporcionou auferir que no conjunto (imagético, informativo, narrativo ou formal) o autor se “inspirou” muito da obra<sup>1</sup>. O projeto gráfico, a ilustração da capa, a editoração eletrônica e o tratamento de imagens estava sob a batuta de Ana Adams, Alberto Roque Carneiro, Rafael Gallina e Janice Alves, com a revisão de Rubens Silvio Costa, Tereza de Fátima da Rocha e Izabel Cristina Aleixo. Um pelotão de porte profissional de grande mérito, cujos resultados são visíveis. Trata-se realmente de um livro de mérito artístico, com ilustrações magníficas tanto na capa como no seu interior.

No texto podem ser encontradas sábias informações sobre algumas questões que podem esclarecer um leitor mais descurado. Tem sido tema controvertido na História do Brasil o do Descobrimento. Nossa história abre-se com esse intuito deveras embaraçoso: acaso ou intencionalidade? Prioridade portuguesa? Precusores de Cabral? Portugueses ou estrangeiros? O assunto tem sido exaustivamente debatido na historiografia. As respostas têm sido diversas. As explicações tendem a ser unilaterais e entusiastas com omissão de trâmites da proposição. Do esforço de pesquisa de historiadores renomados e da reflexão resultaram saldos positivos, todavia. O problema parece-nos ser de prioridade, não de acaso ou intencionalidade. Isso é, porém, de valor muito relativo. Não basta descobrir documentos para resolver questões. Já dizia Marc Bloch, achar a gênese não é explicar. A explicação que leva à compreensão reclama a análise de mecanismos, estruturas e móveis profundos, dado que a história reclama fatos, sim, mas também, e sobretudo, argúcia e inteligência do historiador para analisar e refletir esses fatos. Parece-me ser esse o grande equívoco praticado pelo jornalista Eduardo Bueno ao lançar este primeiro volume da Coleção Terra Brasilis. Este volume é bonito, perfeito, com uma apresentação de qualidade artística. Trata-se de uma leitura gostosa de ser apreciada, mas que não contém história, apenas fatos descritos sem nenhum rigor científico. O autor busca o relato da nossa história como uma grande aventura, sem o cuidado de analisar o contexto histórico europeu, com mais cuidado, de onde emergem

---

1 Dias, Carlos Malheiros. *História da colonização portuguesa do Brasil*. Porto, 1921.

as tramas de um cotidiano político, econômico, religioso e social que, por força das circunstâncias e da cobiça dos poderosos, arrastam esses homens corajosos ao mar tenebroso. Em 1500 o descobrimento do Brasil figurou na lógica dos acontecimentos.

O Atlântico brasileiro registrou-se como um posto-chave para a rota do Cabo, estratégica linha marítima para a soberania portuguesa na África do Sul. No Atlântico, encontrou Portugal espaço para crescer. Embora pobre, realizou dentro das limitações gerais da época a sua expansão oceânica admirável, pela convergência de múltiplos incentivos que a condicionaram. Estava finalmente descoberto o Brasil, mui conveniente e necessário à navegação da Índia. Com a organização das rotas da Senegâmbia, das ilhas, do Cabo e do Brasil, a dinastia portuguesa acelerou o ritmo da vida européia em todos os seus setores, descortinando horizontes de amplíssimas perspectivas para o florescimento do capitalismo moderno, que só então se inaugurou.

No segundo volume, o autor nos apresenta *Náufragos, Traficantes e Degredados – as primeiras expedições ao Brasil (1530 – 1531)*, em 200 páginas. A intenção é fazer emergir os personagens que coloriram esse período do processo da colonização portuguesa no nosso país, o da exploração e da conquista. Continuando com a idéia de saga, o autor insiste na reconstituição de uma aventura que fascina. Apesar de trazer para os leitores uma pesquisa profunda e pertinente à temática, os principais fatos continuam, à semelhança do primeiro volume, apenas sendo narrados pela intermediação de personagens com interesses econômicos os mais variados. Composto por ilustrações, mapas e informações detalhadas e originais, tem aí o volume o seu ponto alto. É muito bem elaborado, inteligentemente e didaticamente construído, mas não apresenta a reflexão teórico-metodológica exigida para um trabalho de história. São relatos extraídos de fontes e leituras bibliográficas que darão pistas excelentes para um trabalho sério de pesquisa histórica. Esta coleção não é uma fonte, mas ela nos sinaliza a necessidade de resgatar o que o autor nos apresenta ao final, com o título de bibliografia comentada. Não há a preocupação dos trabalhos acadêmicos nas citações das fontes manuscritas, ditas primárias, ou impressas, ditas secundárias, dos demais componentes do rol bibliográfico. Da mesma maneira sentimos, como historiadores, a necessidade da indicação documental das colocações originais, didáticas e substanciosas que acompanham o texto (algumas deslocadas) à margem das páginas.

A exemplo do primeiro volume, há uma equipe de projeto gráfico, direção de arte e capas, editoração eletrônica e de revisão. Ana Adams permanece, Leandro Augusto Sparreberger contribui na editoração e na revisão Umberto Figueiredo Pinto, Tereza de Fátima da Rocha, já revisando o volume anterior e Fátima Jorge Fadel. Um corpo

de profissionais competentes, que junto com Eduardo Bueno conseguiram, enfim, captar o interesse de um determinado público, apresentando uma arte-final de primeira linha. Ao contrário da capa anterior, neste volume há a indicação de onde se encontra a tela *Primeiro colono de Santa Catarina*, óleo de Antonio Parreiras, no Museu Antonio Parreiras, Niterói (RJ), que serviu de ilustração para este volume. Riquíssima imagem com detalhes físicos de expressão, e de sonhos mal contidos, de quem observa, à distância, um mar que o separa de outra realidade.

Nesse processo de expansão oceânica é que se insere o descobrimento do Brasil nestes primeiros 30 anos. Não foi inutilmente que marinheiros e mercadores mourejaram na construção de uma civilização atlântica. O caminho percorrido pelas naus cabralinas estava, em 1500, aberto a novos ensaios. Com a conquista das especiarias asiáticas, Portugal atingiu o ponto crítico da empresa marítima que possibilitou as tendências européias de universalização.

No terceiro volume, intitulado *Capitães do Brasil – a saga dos primeiros colonizadores*, com 287 páginas, a abordagem principal é a da colonização propriamente dita, com a institucionalização das capitânias hereditárias, e com os novos personagens do poder que foram escolhidos por El Rei para assumirem tal encargo. É o período em que mais se expressaram as ambições do Estado monárquico português, revelando o seu jogo político e o projeto de colonização para esse imenso território colonial, tão cobiçado pelos europeus, pelas misteriosas riquezas que possuía.

A conquista do Atlântico sul afro-americano gerou algo mais que simples regiões de exploração mercantilista. Revela, afinal, ao europeu a sua posição no mundo.

O autor traz para o seu público a vida das criaturas do rei e suas extraordinárias “aventuras”, às vezes repletas de tragédia. Com a mesma metodologia adotada nos dois primeiros volumes, trata-se realmente de um belíssimo livro, bonito na sua composição. O belo é uma constante na coleção. Se não há profundidade de análise, não podemos deixar de apontar que se trata de uma apresentação cuidadosa. A equipe do projeto gráfico e editorial, com Ana Adams, Alberto Roque Carneiro, Leandro A. Sparremberger, Gabriel G. Neto, Janice Alves e os revisores Damão Nascimento, Rita Godoy e Ana Lúcia Kronemberger, realmente soube trabalhar.

O volume, à semelhança dos anteriores, sempre apresenta à margem esquerda do texto informações preciosas, sem, no entanto, nenhuma indicação de fontes. Mapas importantes ilustram os textos, mas pouco ou nada refletem os mesmos. Pena o autor não ter percebido a necessidade de analisar e problematizar questões de tão grande porte. É a coleção, na realidade, uma narrativa, diríamos não cansativa, mas que não

acompanhou a evolução qualitativa dos textos históricos que embasam o mundo do conhecimento científico contemporâneo.

O mercado editorial, saturado com temáticas semelhantes, nos momentos da comemoração e dos significados do ato de comemorar, certamente encontrou na Terra Brasilis uma atração especial. É um livro bonito que se propõe “libertar a história das narrativas entediantes e recontá-la num ritmo envolvente e apaixonado”. Realmente a narrativa não é entediante, mas também não foi construída com a argúcia metodológica e científica do ofício de historiador. É uma coleção apreciável, de rara beleza, mas não trabalhou a representação dos fatos históricos na medida correta de um contador de histórias não ficcionais.